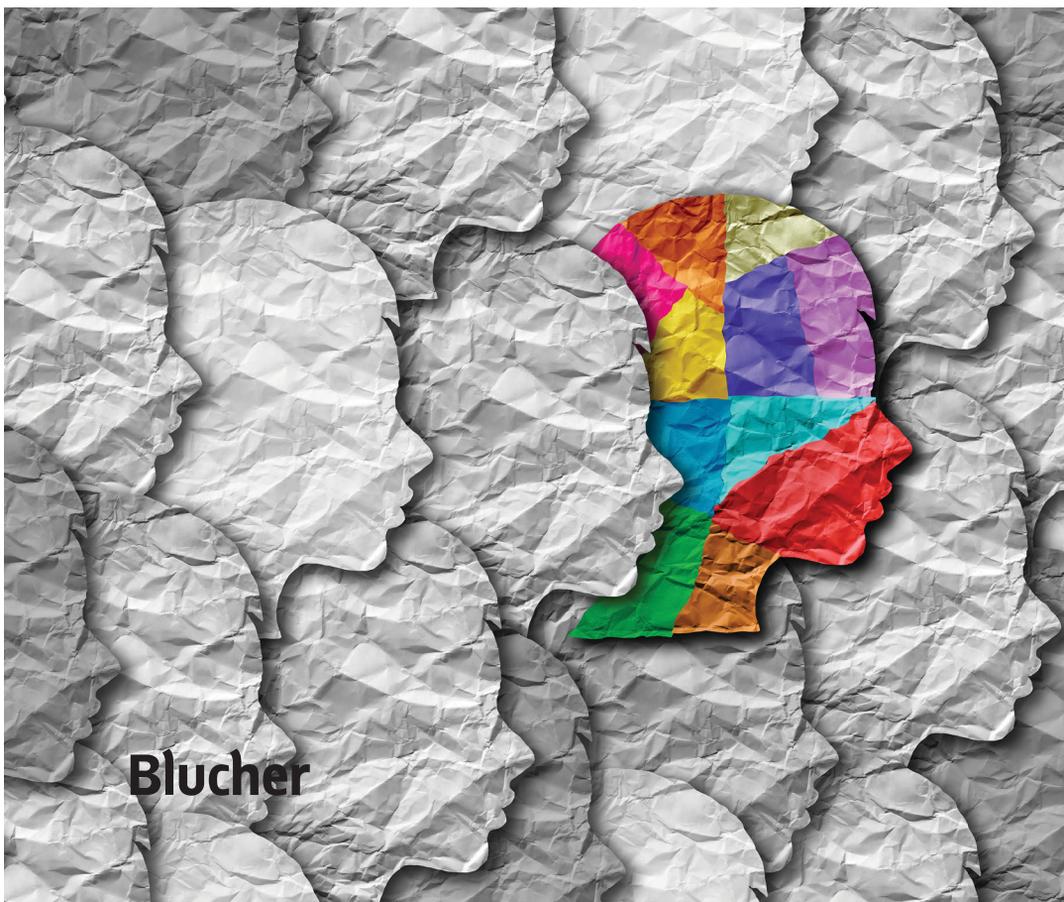


Wilson Franco

Os lugares da psicanálise na clínica e na cultura



Blucher

OS LUGARES DA
PSICANÁLISE NA
CLÍNICA E NA CULTURA

Wilson Franco

Os lugares da psicanálise na clínica e na cultura

© 2020 Wilson Franco

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Bonie Santos

Produção editorial Isabel Silva e Luana Negraes

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Alessandra Borges

Capa Leandro Cunha

O autor e a editora se empenham com todos os esforços para dar os devidos créditos aos detentores dos direitos autorais de quaisquer materiais utilizados na realização deste livro e comprometem-se a incluir os devidos créditos e corrigir possíveis falhas em edições subsequentes.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Franco, Wilson

Os lugares da psicanálise na clínica e na cultura / Wilson Franco. – (Série Psicanálise Contemporânea / coordenada por Flávio Ferraz) – São Paulo : Blucher, 2020.

286 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1911-8 (impresso)

ISBN 978-85-212-1912-5 (eletrônico)

I. Psicanálise. I. Título. II. Ferraz, Flávio. III. Série.

20-0261

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

I. Psicanálise

Conteúdo

Abertura ou Não há começo	7
Parte I. Da inscrição	21
1. O tempo da escrita e a inscrição na tradição	23
2. Os métodos e seu valor	43
Parte II. Da história	69
3. A historiografia psicanalítica e as incidências políticas que a atravessam	71
4. Retrato de Freud quando jovem	109
5. Psicanálise é muita gente: autorização, dispersão e filiação	135
6. Topografias do pensamento psicanalítico enquanto teoria e movimento	149

Parte III. Da práxis	175
7. Introdução à metapsicologia do analista do ponto de vista tópico	177
8. Do ponto de vista tópico ao dinâmico	211
9. Do dinâmico ao genético ou Enfim um começo	233
Encaminhamentos	257
Referências	265
Agradecimentos	283

1. O tempo da escrita e a inscrição na tradição

Introdução: a inscrição deste trabalho na tradição que o acolhe

Pretendo tratar aqui acerca de como este trabalho se inscreve na tradição *através de mim*, ou seja, como eu incorporo elementos de tradição que sinto determinarem meu trabalho, ao mesmo tempo em que tento prestar contas sobre como me apropriei desses elementos e os dispus, intencionalmente, de forma a compor os elementos determinantes deste meu trabalho enquanto afirmação endereçada à comunidade pertinente. Entendo esses dois elementos como faces de um só relato.

Este é, evidentemente, um trabalho sobre psicanálise. Há um esforço ativo em evitar sua submissão a qualquer tradição escolar estabelecida, porque tenho um interesse efetivo em lutar para que as escolas deixem de nos constranger a ver a psicanálise e o mundo de acordo com seus cabrestos. Apesar disso (porque não quero levar esse interesse ao ponto em que ele me levaria à hipocrisia), há uma marca mais clara de alguns autores psicanalíticos que de

outros: recorro mais a Freud e a Winnicott, em primeira mão, e a Ferenczi e Lacan, de forma mais indireta e mediada por comentaristas, como meus principais autores “canônicos” de referência. Apesar disso, tenho claro que meu Winnicott é muito pouco adequado às escolas consolidadas de winnicottismo; isso não é por acaso e pretendo que continue assim.¹ Quanto a Freud, recorro a uma ênfase deliberada nos textos dos anos 1910, e numa abordagem bastante marcada pela análise da instituição então nascente (a futura International Psychoanalytical Association, IPA); não tenho interesse nenhum em “sociologizar” Freud, mas essa foi a perspectiva que me ajudou a construir o texto e, além disso, dei-me o direito de não fazer nenhum “show de erudição”, em que demonstrasse que “li meu Freud”.² No contexto da análise de extração mais “so-

1 Entendo como “escolas consolidadas de winnicottismo” aquelas vinculadas à International Winnicott Association (IWA), representada no Brasil pela Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW). Trata-se de uma leitura de Winnicott com que não estou de acordo, e se essa associação se pretende a legislar sobre o winnicottismo correto, fico feliz em alinhar-me aos incorretos e aos não winnicottianos; devo notar, contudo, que minha leitura de Winnicott é fortemente influenciada por Daniel Kupermann (2008) e Luis Cláudio Figueiredo (2009), além de Adam Phillips (2007), Robert Rodman (2003), Bezerra e Ortega (2007) e mesmo Alison Bechdel (2013), a cujas leituras devo muito na constituição da minha.

2 Em se tratando do Freud lido: recorri à edição *Standard Brasileira*, publicada pela Imago, para a versão em português dos textos cotejados – penso, pessoalmente, que ela não é tão asquerosa quanto se a tem pintado, particularmente de 2009 para cá, quando os direitos se tornaram públicos e outras editoras passaram a oferecer edições concorrentes. Há problemas, evidentemente, mas eles são em grande medida notoriamente conhecidos e, por isso, facilmente contornáveis. De qualquer forma, cotejei as passagens mais significativas com as edições em alemão (Freud, 1952), disponíveis on-line em https://www.psychotherapie-graz.info/freud-gesammelte_werke-graz/. (Usei, enquanto trabalhava, a versão que encontrei em <http://freud-online.de/index.php?page=445644700&f=1&i=445644700>, mas durante a revisão do livro descobri que o site havia retirado do ar todos os arquivos; por isso remeto o leitor interessado ao outro site mencionado).

ciológica” acerca da psicanálise, sinto-me decisivamente influenciado por Kupermann, de quem extraí o conceito (central nessa tese) de “retorno transferencial a Freud” (Kupermann, 1996); também reconheço forte presença dos trabalhos de Zaretski (2004) e Grosskurth (1992) nesse contexto.

Outro ponto que merece algum destaque é que, neste trabalho, a psicanálise não concorre apenas como objeto, mas também como método – o que significa que se trata de um trabalho a um só tempo *psicanalítico e sobre psicanálise*. Entendo o método psicanalítico de fazer pesquisa basicamente conforme Loureiro (2002) e Figueiredo (2002a), para quem o método habita a mesma temporalidade que a escuta psicanalítica – temporalidade do *a posteriori*, da deriva associativa pautada pelos efeitos (des)organizadores do traumático. É claro que isso faz com que a pesquisa psicanalítica pareça peculiar (e potencialmente esquisita e duvidosa) a um primeiro olhar, já que se compromete menos com a predição, a previsão e o controle experimental do que o que normalmente se imagina “científico”. Entendo esse como um falso problema, derivado em grande medida da crença no mito da ciência como um ente monolítico – como diz Feyerabend (2016), se “ciência” fosse um só bicho, seria certamente um monstro. É claro que a disposição da pesquisa psicanalítica tem consequências – particularmente em sua relação com a leitura estrutural de textos e com a submissão a uma temporalidade previsível a reger o caminhar da pesquisa –, mas essas consequências não me parecem problemas, e sim características próprias, peculiaridades. Ainda no campo de minha relação com a metodologia, sinto-me fortemente influenciado pela leitura dos trabalhos do “grupo Trans” e de sua metodologia cartográfica (Passos, Kastrup e Escóssia, 2015 e Passos, Kastrup e Tedesco, 2016); apesar de não entender minha pesquisa como cartográfica nem como transdisciplinar, sinto-me marcado por uma interlocução próxima (e implícita) em relação a esses textos, que

de alguma maneira me deram coragem para afirmar alguns dos recursos mais ousados no estabelecimento estratégico da tese.

Apropriei-me da pesquisa psicanalítica em grande medida a partir da articulação desta à desconstrução, formulada originalmente por Derrida (e que instrui de alguma maneira o pensamento de Figueiredo a esse respeito, até onde posso perceber e deduzir a partir de Figueiredo, 2002b e 1994). A desconstrução, nessa medida, ocupa um lugar de destaque aqui – e um índice claro disso é o fato de uma versão preliminar deste texto ter recebido o título “Psi: espectros da clínica”, em referência direta ao livro *Espectros de Marx* (Derrida, 1994). Se o título do livro não traz mais essa referência ao espectro, isso não se deve à diminuição de seu papel ou presença – apenas percebi que um espectro trabalha melhor fora dos holofotes. Em geral, o trabalho subscreve à lógica da espectralidade, herdeira do pensamento desconstrutivo da *différance* na obra tardia de Derrida, período em que a desconstrução se aproximou de temas ético-políticos como o marxismo, a democracia, a hospitalidade (Peeters, 2013).

Mais justo, por sinal, seria dizer que habita esta tese um certo espectro de Derrida: aquele que, no contexto de sua apropriação nos países de língua inglesa, associou-se ao campo dos chamados “*studies*”. Esse campo diz respeito às perspectivas críticas avançadas nesse período que se convencionou chamar pós-moderno, disperso em plataformas críticas endereçadas a questões de gênero, raça (no contexto dos ditos estudos pós-coloniais) e mesmo epistemológicas (se incluirmos os estudos chamados de “*science studies*” no campo mais abrangente dos *studies*). Ainda que só tenha me dado conta dessa influência tardiamente, estou convencido hoje em dia de que a desconstrução que me inspira neste trabalho é fortemente determinada pela apropriação do “espírito” de Derrida por autores como Said (2007 e 2011), Anderson

(2008), Still (2012), Spivak (1976), Beardsworth (1996), Bennington (1993) e Bhabha (2013).

Voltando ao papel ilustrativo dos títulos, por sinal, devo dizer que o título *Os lugares da psicanálise...* é uma referência direta a *O local da cultura* de Bhabha (meu *The locations of psychoanalysis...* seria uma paráfrase de seu *The location of culture*, digamos). De qualquer maneira, o ponto para o qual chamo atenção aqui é que sinto esse trabalho fortemente inspirado por perspectivas críticas como as dos autores citados, e acredito que “meu” Derrida seja fortemente marcado por essas leituras. Além disso, como disse, articulo esses autores com aqueles que organizei sob a alcunha dos *science studies* – dentre os quais empatizo acima de tudo com Fejerabend (2011), Latour (1994), Latour e Woolgar (1997), Hacking (1999) e Camargo Junior (2005a). Nesse contexto dos estudos sobre a ciência, devo dizer ainda que fiz retroagir a genealogia desses meus autores de referência, compondo esses autores mais “contemporâneos” com os “clássicos” Kuhn (2013) e Fleck (2010), que nitidamente os inspiram, e também que me amparei no já clássico *The science studies reader* de Mario Biagioli (1999).

Ainda no contexto dos “ares” que habitam o texto, devo mencionar aqui o papel decisivo (ainda que apenas implícito) das perspectivas históricas em medicina e psicanálise que encontrei em Ellenberger (1970), Porter (2004), Scull (2011), Bynum (2008, 2012) e Grmek (1999).

Passando, agora, ao arco mais amplo da trajetória do texto: um eixo decisivo em sua disposição estratégica é o das autorias canônicas em psicanálise e de seu efeito na organização comunitária, política e na possibilidade de metapensamento clínico dos psicanalistas acerca de sua práxis. Minha primeira incursão nesse campo já tinha acontecido em um trabalho anterior (Franco, 2014). O que tento aqui é levar adiante esse trabalho, abordando-o de forma

mais frontal, mais aguda e mais ousada. Meu ponto de partida a esse respeito, dito em bom português, é que os autores canônicos impõem um recenseamento do campo psicanalítico que por vezes obstrui a adequada discriminação dos contornos dos problemas que nos tocam. Na história, por exemplo: não haverá leitura “isenta” da história da psicanálise, e no mais das vezes as histórias são contadas sem consciência crítica acerca dos determinantes que as pautam. Aqui estou em pleno debate com Lima (2015), para quem a questão é lutar “por uma historiografia da psicanálise” que tenha “o poder como método” – só acredito que essa historiografia não deve ser ligada ao foucaultismo ou a qualquer outro “ismo”, dependendo, portanto, de uma análise crítica sistemática da influência das autorias canônicas no próprio estabelecimento do debate. É por isso que retomo, na Parte 2 deste trabalho, a forma como o “retorno transferencial a Freud” pode ter composto toda uma topografia que dispõe os regimes de visibilidade – e meu ponto aqui é o da pertinência de mapear os contornos para que se possam habitar os limites (porque habitar os limites reconfigura o campo de visibilidade e, portanto, a topografia toda). A ideia é que não se pode seguir adiante sem ter confrontado devidamente aquilo que nos obstrui, mas – ao mesmo tempo – é necessário enfrentar o que nos obstrui sem ser engolido por esse embate, já que esse embate é, ou deve ser, preliminar ao verdadeiro embate, aquele a que nos queremos endereçar “lá na frente”.

O mesmo tipo de posicionamento estratégico pauta minhas investigações acerca da relação entre a psicanálise e a ciência. Assim, em franco debate com Beer (2017) (e com a saudável e habitual divergência de estratégia), para quem é necessário “sentar à mesa para poder tomar parte no debate”, proponho que se possa pôr o debate sob suspeita a partir de seus limites – situando-se lá e, de lá, trabalhando para apontar que a mesa é viciada, há regras ocultas e o jogo inclui subversões. Às vezes brinco com Beer dizendo que,

se ele propõe que se possa sentar à mesa, eu proponho que se deva virar a mesa. É claro que isso não significa negar ou desistir do debate: significa mapear o debate de forma a pô-lo em movimento, e sob suspeita, *a partir de suas margens*. Oponho-me, nessa medida, à ideia de que a psicanálise é intrinsecamente estranha ao procedimento científico – entendo, isso sim, que a ciência é estranha a si mesma, e a psicanálise é uma ciência tão estranha quanto todas as demais (quando observadas com proximidade suficiente). Como mencionei, não tiro essas ideias do nada, mas de meu contato com autores ligados à história da ciência (como Feyerabend, Latour, Hacking) e à história da medicina e da ciência (como Grmek, Bynum e Porter).

Estendo ainda o campo de debate à dimensão da práxis clínica psicanalítica, que é objeto privilegiado da parte final de nosso percurso. Nesse campo tomei a práxis de consultório individual como modelo, por questões de antecedência histórica e comodidade, mas tenho em mente e em vista a relação clínica do psicanalista com qualquer campo em que desenvolva uma práxis. Minha ideia aqui, uma vez mais, foi a de pôr sob suspeita as topografias usuais – nesse caso a da formação clínica sob a égide de uma autoria canônica, por um lado, e da formação como “resto” de um processo institucional que “transmite” a psicanálise, por outro. Esse duplo referenciamento usualmente situa e pauta os debates sobre a formação psicanalítica, e opera como “ponto de fuga” a situar as perspectivas e o próprio debate acerca da práxis clínica – meu posicionamento aqui (de novo buscando o bom português) é que essa topografia não ajuda. Proponho então, sobretudo na parte quatro, um entendimento acerca da “instalação” do pensamento psicanalítico como resto de um processo de luto, e não de consolidação. Não estou sozinho nisso, já que Fédida (1978), Pavanelli (2007) e Landa (1999) já apontaram para isso – o que tentei fazer de novo foi organizar esse modelo como articulador de toda a plataforma

crítica para rever os regimes de mapeamento topográfico e de visibilidade em psicanálise.

Além de tudo que disse, creio haver dois recursos estratégicos centrais em operação na proposta de inscrição desse trabalho relativamente à tradição: a *posterioridade* e a *habitação da cesura*. Posterioridade é um tema caro à psicanálise, e também comparece em Bloom (2002 – que ampara minha leitura crítica acerca das autorias canônicas em psicanálise), Said (1975) e Derrida (2001, 2013); aqui recorro à posterioridade por supor que não há começo, que tudo que começa sempre esteve desde sempre começando e que, portanto, toda crítica é uma reinvenção da tradição. Quanto à cesura, explicitamente trabalhada por Bhabha (2013) e Bion (1975/2014): cesura é o espaço (e/ou tempo) ocupado pelo corte; a estratégia deste trabalho será sempre a de tentar habitar a cesura, porque a partir dali se podem reconstituir, *a posteriori*, as próprias disposições das topografias e dos jogos de força que pautam os debates. Assim, pode-se dizer que é só a partir da cesura que se pode virar a mesa.

É preciso continuar: o tempo e a escrita

É preciso continuar, eu não posso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam – estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez me tenham levado ao limiar de minha história, diante da porta que se abre sobre minha história, eu me surpreenderia se ela se abrisse. (Foucault, 2004, p. 6.)

Eis *monsieur* Foucault, no mesmo *A ordem do discurso*, numa passagem que segue quase imediatamente aquela do “gostaria de me inserir sub-repticiamente” que mencionei na Abertura, citando, por sua vez, Beckett. A passagem, que vem entre aspas mas sem referência a Beckett (ao menos na edição da Loyola que consultei), é retirada por Foucault do final da novela *O inominável*. No texto de Beckett, a passagem segue assim: “[Eu me surpreenderia, se ela abrisse,] serei eu, será o silêncio, onde eu estou, eu não sei, jamais saberei, no silêncio que não o conhece, é preciso continuar, não posso continuar, eu vou continuar” (Beckett, 2006, p. 407).³ É assim que termina a novela, por sinal: eu vou continuar.

Na apropriação que Foucault faz do trecho de Beckett, pode-se vê-la sendo endereçada aos mecanismos que regulam o discurso, que garantem sua ordem (como sugere o título da conferência), aquilo que acolhe o discurso e garante sua inscrição num regime discursivo que o antecede e extrapola. Nesse sentido, o enunciador que diz não poder continuar precisa continuar porque há algo inscrevendo-o ali, e ele estabeleceria com a ordem do discurso uma relação kafkiana, como aquela que sr. K estabelece com os avatares do ordenamento jurídico em *O processo* (Kafka, 2005) – sr. K não pode continuar, não quer continuar, mas precisa continuar, precisa encontrar palavras, precisa que as palavras o encontrem.

Há algo importante em jogo nesse contexto, que é a relação das palavras com a busca de si, com a busca da dizibilidade, com a busca de se fazer dizer – e Beckett me parece articular (e empreender) a proposta de mobilizar a escritura como forma de buscar o que se precisa dizer, o que se precisa ser ao dizer, o que se precisa encontrar em meio às palavras (para que elas digam o que precisa

3 No original em inglês: “[that would surprise me, if it opens,] it will be I, it will be the silence, where I am, I don’t know, I’ll never know, in the silence you don’t know, you must go on, I can’t go on, I’ll go on”.

ser dito). Uma das razões pelas quais considero esse ponto importante é que essa relação entre a dizibilidade, a temporalidade e a possibilidade de se dizer, enfim, o que não se saberia dizer é uma problemática cara à psicanálise e à desconstrução, e organizou de maneira decisiva minha trajetória e (por decorrência) as escolhas retóricas e narrativas por trás deste texto. A outra razão (ligada a essa) é que por vezes percebo um certo “ordenamento” do discurso acadêmico e universitário que impele à brevidade e à compactação da trama argumentativa – por vezes articulada com uma defesa da objetividade, por vezes articulada com uma defesa do “trabalho do texto” do ponto de vista de seu endereçamento efetivo.

No contexto da objetividade, trata-se de sustentar que o discurso científico não deve receber ornamentos retóricos nem volteios narrativos, compondo-se o máximo possível de postulados, fundamentações e demonstrações. Nesse sentido, todo movimento que não vá “direto ao ponto” pode ser considerado excessivo e pernicioso, por escapar à objetividade e com isso gastar tempo e desviar a atenção.

No contexto do “trabalho do texto”, trata-se da suposição de que o texto há de ser fruto de uma apropriação reflexiva, por parte do autor, acerca do que está em jogo, qual campo de interlocução acolherá o texto e qual será o trabalho exigido do texto para que essa inscrição opere de forma efetiva; e essa lógica fará com que os movimentos mais sinuosos do texto sejam considerados como derivados de insegurança, incerteza, falta de clareza ou falta de senso tático por parte do autor, levando o trabalho conceitual e textual a parapeitos alheios ao “campo de batalha” que deveria ser foco e propósito do texto. Ou seja: um bom texto localiza claramente adversários, aliados e destinatários, montando uma plataforma retórico-argumentativa e trabalhando nisso e a partir disso – meandros, volteios e reviravoltas são deturpações e desvios.

Há uma curiosa confluência dessas maneiras de encontrar-se com o texto, que levarão à suposição de que o texto sinuoso não foi “quarado” o suficiente, supondo-se que o bom texto é aquele que foi batido na pedra e torcido até que não pingasse dele uma gota sequer, como diz Graciliano Ramos em sua comparação do ofício escrevente ao ofício das lavadeiras à beira-rio em Alagoas;⁴ o bom trabalho de texto torna o texto “seco” e livre de excessos como uma roupa seca, afiado e cortante como uma lâmina bem trabalhada.

Espero que esteja evidente ao leitor que estamos transitando por essas estranhas paragens em função da possibilidade de que este texto, meu texto – nosso texto – seja considerado excessivo, tortuoso, sinuoso e impertinente. Estaríamos, aqui, perdendo nosso tempo, e não só porque o texto é longo, mas porque ele é longo do jeito errado: deveríamos estar indo direto ao ponto, em vez de estarmos às voltas com questões laterais. E é por isso que estou propondo esse desvio: porque os desvios não me parecem desvios, porque entendo que esse jeito não é errado e, mais que isso, esse jeito me parece o único jeito. Ou seja: além de termos começado não pelo começo, acredito que tenhamos que seguir não direto ao ponto.

Isso é evidentemente um problema para os leitores que têm pressa, e a esses peço desculpas pelo desconforto causado. Compreendo, no entanto, que o trajeto sinuoso deste texto se justifica por dois motivos: um deles, já insinuado acima, diz respeito ao modo como a escrita se desenvolve enquanto *locus* de

4 Encontrei a metáfora de Graciliano em um texto de Júlio Aquino dedicado à escrita, cuja leitura recomendo por sua pertinência à discussão que aqui proponho (Aquino, 2011). A metáfora de Graciliano encontra-se na página 649: ele sugere que o bom escritor deve trabalhar como as lavadeiras, “batendo” e lapidando o texto com a mesma insistência e devoção com que elas batem as roupas contra as pedras à beira-rio, até que não “sobre” um pingo sequer (ou seja: até que tenhamos um texto “bem sequinho”).

pensamento, e o segundo diz respeito à implementação de uma espacialidade e de uma temporalidade textual acolhedoras aos espectros e oscilações.

Como conviver com os espíritos: da transferência ao texto

Partamos de uma recapitulação em direção à complexidade da cena: como o eu-lírico do texto de Beckett, compreendo que “é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam”, e o que está em jogo nesse caso é uma concepção específica acerca das relações entre a escrita, o escrevente e o pensamento. Diferentemente de toda uma tradição que supõe que o escritor escreve o que ele sabe que vai escrever, aquilo que ele já pensou, como se fosse a exteriorização de pensamentos que ele já tem consigo, estou supondo aqui que o escritor se encontra com seu texto como quem se encontra com um outro, e esse encontro, além de possibilitar a expressão de palavras e frases e ideias que ele tinha consigo, será ocasião de pensamento *em si mesmo*. Entendo que o escritor escreva (em geral) sobre uma tela em branco, mas entendo que essa tela não é ausente de estímulos só por ser branca: ela é investida pelo escritor, que ao olhar para a tela em branco vê mobilizados e postos em cena os elementos com os quais dialoga no processo de pôr em ato a pretensão de escrever – isso faz com que a tela branca seja habitada por expectativas, interlocutores, referências, ideais, medos e tantas outras fantasmagorias. É claro que não chega ao ponto de transformar a cena de escrita em um filme de terror, mas ainda assim é de espectros, emanações e diálogos imaginários que se trata, antes mesmo de surgirem sobre a tela branca as primeiras inscrições-escrita. Em função dessa circunstância (desse modo de compreender

a circunstância que é a escrita) compreendo que o ofício escrevente é, em si, ocasião de pesquisa: quando se põem em movimento as imagens, os motivos e as perguntas que a pesquisa convoca, a escrita põe a pesquisa a trabalho, por força dos encontros, das revelações, das surpresas e dos impasses que são a fôrma e dão a forma do texto. Entendo ainda que a psicanálise e a desconstrução habitarão a escrita e o pensamento conceitualista para além de sua pretensa objetividade e neutralidade – habitando, assim, a fantasmagoria que é a origem e a ocasião do texto para além de onde este se reconhece.

“Pois bem, que seja: então faça isso, pesquise, pense e, uma vez tendo pensado, escreva *outro* texto, esse sim comunicativo, esse sim claro, esse sim objetivo”, poder-se-ia dizer nessa altura, e com justiça. Acontece apenas que isso suporia um uso, no sentido utilitarista do termo, dessa concepção de escrita – como se fosse possível mobilizá-la segundo essa concepção pesquisante, enquanto práxis, apenas para descartá-la depois, retornando a uma concepção passivo-utilitarista e a um texto morto; uma vez que se reconhece o encontro que ocasiona a escritura sob os termos que expus, no entanto, torna-se impraticável “desligá-lo” como se desliga um aparelho, “retornando” à suposição de uma tela em branco lisa e passiva, à espera da transposição pura e plena das ideias do escritor de si para o papel.

É evidente que o texto que o leitor tem consigo não é fruto de um processo de associação livre ou fruto “puro” da habitação da fantasmagoria textual – ele foi relido, reescrito, revisado, há todo um “polimento” e uma elaboração secundária que compõem a peça; se insisto na manutenção do movimento do texto e das sinuosidades do trajeto, a despeito da preparação secundária deste, é por não ver sentido em compactuar com a manutenção de uma aura de objetividade articulada a uma certa concepção da práxis

pesquisante – sustento a sinuosidade do trajeto de escrita e desenvolvimento do texto e dos argumentos por entender que eles fazem parte da própria cientificidade do que se fez e do que se apresenta aqui, e além disso por entender que esconder os meandros e itinerários do trajeto seria compactuar com a parte menos científica (e mais ideológica) do ordenamento do discurso científico.⁵

De alguma maneira, trata-se de reconhecer a dimensão transferencial que a implementação da práxis escrevente mobiliza em si – uma vez reconhecido o movimento de atualização de motivos, a configuração de imagos e a implantação de modos de afetação carregados de propensões inconscientes, é preciso se responsabilizar pela situação, incorporá-la, pô-la em cena e dar-lhe ocasião de desdobramento. Fazer qualquer coisa diferente disso “seria exatamente como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta” (Freud, 1915/1996g, p. 181). É bom notar, já que mencionamos Freud, que ele mesmo dizia a Fliess que muitas vezes começava um parágrafo sem saber como ele acabaria, dando indícios, portanto, de que ele também, nas palavras de Ogden, é do tipo de autor que pensa ao escrever (em contraste com aquele tipo que pensa *antes* de escrever e escreve apenas aquilo que já pensou, recorrendo à distinção proposta por Ogden, 2010).

Pode-se contestar, nesse ponto, que Freud, apesar de subscrever a essa concepção, escrevia de forma primorosamente clara e lógica, ponderando longamente acerca dos motivos em causa na proposição do texto antes de entregar-se ao corpo a corpo com o

5 Houve um movimento nas redes sociais (especialmente o Twitter) chamado #overlyhonestmethods (“métodos excessivamente honestos”, em tradução livre), em que pesquisadores postavam os motivos ocultos por trás de seus posicionamentos metodológicos e escolhas na condução das práticas de pesquisa.

texto, de forma que sua confecção, ainda que portasse consigo os vestígios de um processo de escrita pensante, mantivesse ainda a consistência e a coerência de um cuidado e de uma ponderação. Nesse ponto, tudo que posso levantar em defesa do texto (e de mim mesmo, autor) é que, bom, eu também tomo esse cuidado. É certo que esse meu cuidado será modulado pela diferença evidente de talento entre mim e Freud, mas é modulado também pela consideração da temporalidade enquanto elemento em jogo no contexto do trabalho conceitual e do trabalho textual que aqui se propõem, levando a um ritmo narrativo menos “pedagógico” e mais sinuoso do que se poderia, provavelmente, esperar de um trabalho tão ligado à etiqueta científico-acadêmica. O que estou dizendo, no fim das contas, é que eu quero escrever dessa forma, porque quero que o texto seja marcado por essa topografia trabalhosa, porque acredito que deve ser assim – porque isso imprime, no encontro entre texto e leitor, a marca de uma temporalidade disjunta, de um movimento de busca de sentido que é um movimento de busca de si, de um sentimento de excesso que conclama a diferir de si em função da leitura enquanto gesto e experiência.

A problemática da temporalidade se revelará decisiva em nosso caminho, dentro da seguinte configuração paradoxal: temos em vista o desenvolvimento de um trabalho do tempo *out of joint* ou “fora do eixo”.⁶ O que quero dizer com isso é que o elemento *temporalidade* será objeto de grande atenção, mas será interpelado a partir de uma concepção de temporalidade disjunta, sujeita a modulações afetivas e descontinuidades.

6 É Hamlet quem apresenta a ideia de um “tempo fora do eixo” ao ouvir o fantasma de seu pai falar de sua missão; a ideia de um tempo fora do eixo (“fora de seus gonços”, segundo a estranha tradução consagrada) foi trabalhada por Derrida em *Espectros de Marx*.

Isso rompe efetivamente com a maneira mais intuitiva, prosaica e usual de se tratar e lidar com a temporalidade, em que se supõem as considerações temporais como indicativas de um fluxo contínuo, de variações que articulariam as dimensões harmônica e melódica do ponto de vista de sua recepção por parte de quem sente o tempo passar. Aqui, pelo contrário, a temporalidade será interpelada em vista da forma como o passado determina o presente, e da forma como o presente se faz habitado em vista de sua investitura pelo passado, e da forma como a aparente continuidade existencial temporal é possuída por rupturas e saltos que definem “sub-repticiamente” nossos modos de habitá-la afetiva e cognitivamente.

Essa questão talvez fique mais clara quanto cotejada com a concepção de continuidade existencial postulada por Winnicott por meio de sua ideia de *going-on-being*. Podemos dizer, nesse contexto, que vamos privilegiar a *pressuposição* dessa continuidade existencial como plataforma a partir da qual se constitui um modo vivencial marcado por rupturas e descontinuidades. Assim, *going-on-being*⁷ é uma conquista necessária no processo de desenvolvimento, mas justamente porque permitirá que o sujeito vivencie de forma potente os estados de não integração e as modulações ao largo do *espectro* do espaço potencial. Essa vivência permitirá, então, uma vida criativa em meio às ocasiões que se lhe apresentam e das quais o sujeito da experiência se apropria. O ponto aqui, evidentemente, é que os paradoxos trabalhados por Winnicott, ao movimentar as barreiras entre o intrapsíquico e o intersubjetivo e entre o mental e o emocional, deverão ser postos em interação

7 Para Winnicott, uma das principais conquistas subjetivas do desenvolvimento emocional primitivo é aquela da continuidade existencial – consolidada a partir das interações satisfatórias continuadas entre o bebê e seu ambiente, que favorecem a integração e o desenvolvimento de um espaço transicional; para mais detalhes cf. Winnicott (1991).

recíproca com a *inscrição* do vivente no meio que o acolhe, permitindo interrogar psicanaliticamente a própria configuração de um pensamento psicanalítico a respeito de uma subjetividade. Para além disso: do ponto de vista da inscrição do sujeito no contexto que o acolhe, reconheceremos oscilações na percepção temporal, descontinuidades e disjunções temporais a partir da modulação do *going-on-being* ao sabor de sua habitação intensiva – o sujeito estará por vezes mais ou menos atento, mais ou menos disponível, mais ou menos entregue à experiência, e essa modulação afeta a própria disposição temporal da vivência do ponto de vista de sua inscrição.

Antes mesmo de Winnicott, se pensarmos na temporalidade do trauma em Freud, no caráter *a posteriori* (*Nachträglich*) do trauma, seremos convocados a uma concepção de temporalidade não continuísta, que é o lastro de inteligibilidade por trás da efetividade do expediente clínico psicanalítico clássico (a narrativa em associação livre, o “é preciso continuar” da cena clínica, só faz sentido porque se conta com a possibilidade de um encontro com a porta que se abriria para a própria história e a possibilidade de, por ter sido preciso continuar, ter-se podido encontrá-la aberta, desde sempre aberta).

É de espectros, enfim, que se trata. É preciso poder habitar uma escritura sinuosa, porque os problemas se nos apresentam *não pelo começo*. É preciso poder habitar uma interrogação sinuosa, porque é necessário poder habitar as indagações para além dos territórios que se prestam a constrangê-las disciplinarmente. É preciso poder habitar uma territorialidade (des)contínua e processualmente des-territorializada, porque é necessário poder fazer mover as balizas que induzem os problemas aos territórios cartografados que lhes inibem o potencial disruptivo. É preciso poder deflagrar o potencial disruptivo, porque é necessário reinscrever as questões que nos tocam para além dos especialismos e das disciplinaridades que

as domesticam. E é preciso ir além dos especialismos, porque é preciso continuar, ainda que não seja possível continuar, até que essas coisas se digam, até que a porta se abra, é preciso continuar. A indicação de que *é preciso continuar*, por fim, nos remete uma vez mais à ênfase conferida à temporalidade, ao caráter excessivo da temporalidade, à habitação da temporalidade de um modo descontínuo, em busca de uma fratura interna através da qual o tempo se excederá a si mesmo – é preciso continuar até que a continuidade rompa consigo mesma, até que algo a faça diferir.

Um sentir entre o sentir: dos meios

Pela mão de Clarice, digamos então que “entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir” (Lispector, 1998, p. 98), e digamos então que é para lá que vamos. Entre duas pessoas que se encontram por ocasião da práxis que é a clínica psicanalítica existe uma pessoa, e essa pessoa é o entre que é uma pessoa. Ogden chamou esse espaço de “terceiro analítico”, referindo-se a “uma forma de vivenciar a eu-dade (uma forma de subjetividade), na qual (por meio da qual) analista e analisando se tornam outros do que foram até aquele momento” (Ogden, 2003, pp. 4-5); Green, em *Orientação para uma psicanálise contemporânea*, associará esse “espaço” (essa “pessoa” entre duas pessoas) ao “enquadre interno”, que ele entende como a *dimensão virtual* do quadro por trás da regra fundamental da análise (Green, 2008).

Pois bem, a ideia que move esta obra é interrogar a constituição mesma desse espaço no contexto da apropriação que dela faz o analista como o nó/estofa por meio do qual ele se apropria de sua práxis enquanto psicanalista. Tal problema pode ser compreendido

como eminentemente clínico – que estaria associado, como mencionei, ao problema da formação do analista ou à questão “como se devem psicanalista?”, embora seja necessário reconhecer que ele não se deixe esgotar sob essa compreensão, na medida em que se inscreve (no contexto da formulação que estou dando ao problema) aquém do campo institucional e aquém da psicanálise enquanto disciplina estabelecida. É importante reconhecer que essa constituição não poderá ser interrogada de um ponto de vista temporal contínuo/continuista. Assim, teremos em vista aqui (ainda que eventualmente recorramos à temporalidade contínua como modo de expressão e organização da narrativa) a instalação desse espaço no contexto de uma temporalidade disjunta. No interior desse contexto, o que foi instalado lá é continuamente reinstalado, porque está lá enquanto espectro, e o que foi uma vez instalado não está efetiva e definitivamente instalado, visto que a fábula de uma origem pontual para a constituição desse espaço (virtual) se apresenta apenas enquanto fábula.

Fédida, tratando de um contexto contíguo a este, sugere que “[a teoria] não poderá senão ser transmitida e descoberta na própria análise, que se refaz continuamente, em cada cura, entre o analista e o analisando” (Fédida, 1978, p. 301).⁸ Isso não implica, evidentemente, uma concepção relativista e solipsista de formação, segundo a qual nada se poderia falar que não fosse acerca da própria experiência – o que isso implica é que a habitação da questão do devir-psicanalista exige a devida colocação (em suspensão) do aparato institucional, social e disciplinar da psicanálise, sob risco de hipostasiá-la como o lastro a partir do qual o pensamento

8 No original francês: “[La théorie] ne peut être que transmise et découverte par la seule analyse, qu’elle se refait toujours, en chaque cure, entre l’analyste et l’analysant”. Diferentemente de Fédida, não tomaremos estritamente a teoria psicanalítica como objeto, e não atribuiremos à análise pessoal o lugar privilegiado para esse exercício (auto)crítico.

psicanalítico se funda. Interrogar a formação do espaço de pensamento do psicanalista, portanto, não diz respeito à forma como ele estuda teorias psicanalíticas ou as compreende (por mais complexo que possa ser considerado o conceito “compreensão”) – há mais em jogo, operando de forma disjunta e paradoxal na constituição desse espaço.



Inteligência, erudição, graça, humor e elegância. Essas são as qualidades mais salientes da tese de doutorado que se transformou neste livro. Wilson Franco consegue, com grande habilidade, reunir e articular inúmeros aspectos da psicanálise em uma mesma e multifacetada pesquisa e reflexão: sua inserção histórica, sua dimensão cultural e política, nossas práticas clínicas e seus fundamentos metapsicológicos (como operam na mente do analista em sua práxis), e tudo isso de uma maneira ampla, engenhosa e perspicaz. Questões epistemológicas, éticas, clínicas e políticas da psicanálise são assim consideradas em uma obra sumamente instigante e convidativa.

É com muito prazer e convicção que afirmo que a leitura desta obra proporciona expansão e renovação em nossa capacidade de pensar nossa inscrição e nossos lugares no mundo e na cultura.

– ***Luís Claudio Figueiredo***

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1911-8



9 788521 219118

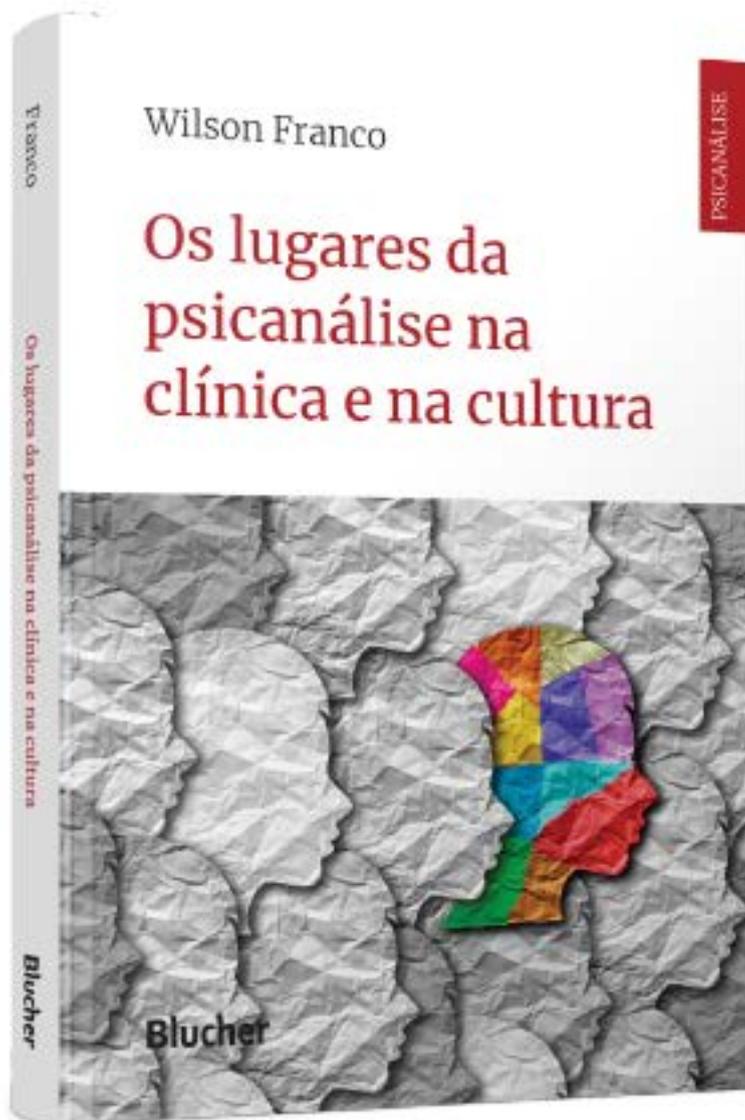
série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Os lugares da psicanálise na clínica e na cultura

Wilson Franco

ISBN: 9788521219118

Páginas: 286

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2020

Peso: 0.000 kg
